

**7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da
Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI): “Rumo à multipolaridade?
Tensões, alianças e o lugar do Brasil na ordem global”**

AT: Feminismo, Gênero e Sexualidades

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E GÊNERO: UMA ANÁLISE DO IMPACTO DO GRUPO
MARIAS IRI-USP**

Ana Luiza Rocha Gomide (UFU)

Ana Livia Ayres Cardoso (UFU)

Danielle Gonçalves Passos do Nascimento (UNESP)

12 a 14 de dezembro de 2024, Porto Alegre (RS)

Relações Internacionais e Gênero: uma análise do impacto do grupo MaRIas IRI-USP

Ana Luiza Rocha Gomide¹

Ana Livia Ayres Cardoso²

Danielle Gonçalves Passos do Nascimento³

Resumo

Com o passar do tempo, dentro do escopo epistemológico e teórico das Relações Internacionais (RI), sobretudo as pesquisadoras feministas, não mais questionam “se” o gênero faz parte desse campo disciplinar, mas sim os significados e os desafios da presença do conceito e categoria de análise *Gênero*. Dentro das vertentes feministas existe uma gama de autoras que se debruçam em percorrer a concepção de gênero e sua conexão com outros elementos que dialogam tanto com as pautas dos feminismos quanto de questões que tangenciam as múltiplas extensões das Relações Internacionais. Joan Scott, Judith Butler, Raewyn Connell, Heleieth Saffioti, Patricia Hill Collins, Oyèrónké Oyěwùmí e Judith Ann Tickner são algumas delas.

Em específico, Angela Arruda (2019, p. 335) afirma que, nas Ciências Sociais, de maneira mais ampla, foi a partir dos anos 1970 que houve um avanço epistemológico e, conseqüentemente, uma ruptura com epistemologias tradicionais, ocasionada pelas ideias e elementos conceituais surgidos no cerne do movimento feminista e repletas de conteúdo político. A mais fresca estrutura de categorias, incluindo a de gênero, compõe as teorias feministas e faz parte de uma tentativa de romper com a subjugação intelectual de mulheres em termos dos papéis e condições de leituras e pesquisas femininas e feministas.

Então, entendendo a importância e o avanço das discussões de gênero nas RI, faz-se indispensável investigar quais são os instrumentos empregados para a consolidação de uma agenda de pesquisa no Brasil que contemplem e deem espaço para as perspectivas feministas e de gênero. Assim como a publicação de artigos, livros e temas para mesas em eventos, a existência de grupos de estudos, pesquisas e movimentos práticos dialogam diretamente com esse avançar, como é o caso do MaRIas IRI-USP, objeto do presente trabalho.

O MaRIas IRI-USP foi criado em maio de 2017, por pós-graduandas do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP) que sentiam a necessidade de debater sobre gênero e RI e não encontravam matérias ou professoras(es)

¹ Mestranda em Relações Internacionais pelo PPGRI-UFU na linha de Política Externa e Instituições Internacionais (bolsista CAPES). Coordenadora Acadêmica do grupo MaRIas IRI-USP.

² Mestranda em Relações Internacionais pelo PPGRI-UFU na linha de Política Externa e Instituições Internacionais. Vice-Coordenadora Acadêmica do grupo MaRIas IRI-USP.

³ Mestranda em Ciências Sociais pelo PPGCS-UNESP na linha de Relações Internacionais e Desenvolvimento (bolsista CAPES). Coordenadora Geral do grupo MaRIas IRI-USP.

que tratassem a respeito da temática no Instituto. No período de 2017 até o início de 2020, os esforços das integrantes foram concentrados na promoção de grupos de estudos mensais, com o intuito de ler e debater textos sobre gênero e RI, já que a maioria delas não estudavam essa temática em suas pesquisas principais. Esses encontros aconteciam em alguma sala do IRI ou na biblioteca do Instituto e, apesar da divulgação, só compareciam mulheres do próprio IRI (MaRIas, 2024a).

O grupo passou por mudanças significativas desde o início de 2020. Inicialmente, as integrantes planejaram atividades mais ambiciosas, mas tiveram que adaptá-las à pandemia, migrando para encontros *online*. Essa transição, apesar de inesperada, trouxe benefícios, pois expandiu a participação dos encontros do grupo para além do IRI, incluindo pessoas de diferentes cidades e instituições. Ainda em 2020, destaca-se a bem-sucedida realização do Primeiro Seminário, que fortaleceu a rede de gênero, sexualidade e RI, culminando na quinta edição prevista para junho de 2024. Em 2021, o grupo abriu seleção para pessoas externas ao IRI e também para graduandas, ampliando ainda mais sua composição (MaRIas, 2024a).

Além dos grupos de estudos e do Seminário, o MaRIas publicou, em 2023, o e-book *Igualdade de Gênero no Estado de São Paulo: Mapeamento das Políticas Públicas Paulistas no Contexto do ODS 5*, resultado de um mapeamento que as MaRIas e o Laboratório de Análises Internacionais Bertha Lutz (LAI-USP) realizaram entre 2021/2022 (MaRIas, 2024b). Nesse mesmo ano, o grupo iniciou um projeto de ensaios sobre as temáticas dos grupos de estudos, com lançamento programado para maio de 2024. Publicações anteriores no *site* do MaRIas abordaram entrevistas, artigos, mini-artigos e uma carta de repúdio. Em 2024, o grupo passou por reestruturação e um de seus objetivos é voltar com as publicações no *site* (MaRIas, 2024a).

Assim, considerando a atividade e as produções desenvolvidas pelo grupo MaRIas, a finalidade desta pesquisa é compreender e analisar a contribuição e impacto do grupo no debate de gênero nas Relações Internacionais, bem como responder ao seguinte questionamento: quantas foram as produções promovidas pelo MaRIas e quais são os temas associados a gênero mais trabalhados pelo grupo? Para isso serão analisados dados dos Seminários (quantidade e conteúdo de trabalhos, minicursos e palestras apresentadas), grupos de estudos (quantidade de espectadores e temáticas abordadas), *mailing* (quantidade de inscritos). Do mesmo modo, a difusão de estudos em gênero em eventos (participação de membras do grupo em eventos não promovidos pelo MaRIas), publicações nas redes sociais (dados de engajamento e alcance) e publicações já realizadas em nome do grupo.

A análise será feita considerando o intervalo entre 2020 e outubro de 2024. Até o atual estágio da pesquisa, os dados parciais referentes à contribuição do grupo para o

debate de gênero nas Relações Internacionais são: 4 Seminários já realizados, nos quais 191 trabalhos, dentre trabalhos de graduação e pós-graduação, 13 minicursos e 7 conferências foram apresentadas no total (MaRIas, 2024c). Também foram realizados 27 grupos de estudos (MaRIas, 2024d). Já nos meios de comunicação do MaRIas, contabilizam-se 254 inscritos no *mailing*, enquanto nas redes sociais já somam-se 1.580 seguidores e 328 publicações no *feed*⁴.

Os dados apresentados ainda passarão por um aprofundamento analítico, de forma a corresponder com o objetivo proposto. Contudo, com o levantamento parcial é possível notar a participação ativa do grupo no desenvolvimento e divulgação das temáticas relacionadas a gênero e Relações Internacionais. Haja vista que, desde sua expansão em 2020, o grupo tem demonstrado gerar impacto nas discussões de gênero por meio de suas diversas ações nas linhas de Pesquisa, Ensino e Extensão.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Feminismos. Grupo de Estudo. Grupo de Pesquisa.

Introdução

No ano de 2004, Maria Margaret Lopes e Adriana Piscitelli (pesquisadoras do Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU/UNICAMP) já discordavam das perspectivas que apontavam o campo de estudos de gênero como ainda não consolidado no Brasil, pelo contrário, elas acreditam que esses estudos já consolidam um campo de direito próprio no país (Lopes; Piscitelli, 2004). Para justificar essa informação, Lopes e Piscitelli argumentam que: “isto é evidente não apenas no volume de pesquisas na área, em linhas específicas consagradas nas agências de fomento, mas também em seus cursos, congressos e, particularmente, em suas publicações, que garantem visibilidade e acesso ao campo” (Lopes; Piscitelli, 2004, p. 117-118). Contudo, acrescentamos um indicador de que o debate de gênero está crescendo e ganhando notoriedade no país: o aumento no número de grupos de estudo nessa temática. Além do próprio PAGU, destacamos os grupos: Iaras - Núcleo de Estudos de Gênero em Relações Internacionais e Ciência Política (sediado na UFAL, em parceria com GEDES); INDERI - Interseccionalidades e Decolonialidades nas Relações Internacionais (sediado na FURG); Tibira - Núcleo de Estudos Internacionais de Gênero e Sexualidade da

⁴ Como mencionado no edital deste evento, no artigo precisa constar o resumo expandido igual ao previamente submetido. Porém, como ele foi escrito em março de 2024, os dados já estão desatualizados. Em outubro do mesmo ano, esses números aumentaram para: 5 Seminários, 28 grupos de estudos, 284 inscritos no *mailing* 1.874 seguidores no Instagram e 364 publicações também nessa rede social. Outra alteração ocorreu com o Seminário, no resumo estava escrito que o evento era previsto para junho, porém, depois de o resumo já submetido, o grupo deliberou que o melhor mês para sua realização seria setembro e, assim, ocorreu. Além disso, optamos por não analisar os dados de nossas redes sociais, pois não caberia no escopo deste trabalho, ficando, portanto, para análises futuras.

PUC-SP; MARIAS - Mulheres Acadêmicas em Relações Internacionais e Ativismo Social (sediado na UNB) e NUGRAD - Núcleo de Pesquisa em Gênero, Raça e Diferença na Política Internacional (sediado na UFU)⁵. É evidente que não seria possível analisar o impacto de todos os grupos supracitados, logo, essa análise focará no MaRIas IRI-USP.

Nesse sentido, Mariana Selister Gomes, no artigo *Uma Metodologia de Pesquisa Feminista é possível? Um levantamento bibliométrico das metodologias utilizadas em periódicos dos Estudos de Gênero* (2021) afirma que, atualmente, os feminismos estão sim bem representados no âmbito acadêmico, entretanto a autora questiona se além desse avanço teórico também houve avanço metodológico, se a maneira de se fazer pesquisa mudou ou se a maioria das pesquisas ainda são feitas utilizando-se de metodologias tradicionais. Através de um estudo bibliométrico sobre as metodologias usadas nos artigos publicados nos periódicos Estudos Feministas, Cadernos Pagu, Gender Society, International Feminist Journal of Politics, Politics & Gender e Gender, Place and Culture, de 2014 a 2018, a autora⁶ chegou à conclusão que o meio acadêmico aceita as discussões feministas, porém as conduzem de maneira tradicional. Deste modo, trabalha com a dicotomia sujeito (por exemplo: conhecimento situado, histórias de vida, etnografias) *versus* estrutura (por exemplo: análise de conteúdo, análise de discurso, pesquisa estatística etc) como foco de análise; o que é limitante para as pesquisas feministas (Gomes, 2021).

Nos 1.260 artigos que as pesquisadoras investigaram, apenas 6% deles utilizaram-se de métodos mistos (que focam no sujeito e na estrutura). Enquanto a perspectiva epistemológica do conhecimento situado foi citada em apenas 21 deles (Gomes, 2021). Logo, podemos afirmar que a presente pesquisa intenta contribuir com o rompimento desta dicotomia clássica presente nas Ciências Sociais, afinal nos utilizaremos de um método misto: análise de conteúdo e conhecimento situado. Por análise de conteúdo entende-se: “a análise de conteúdo consiste no exame sistemático de todos os objetos e artefatos que transmitam uma mensagem informativa” (Pinto, 2024, p. 74), assim, serão considerados os dados do grupo MaRIas IRI-USP, referentes a produções, eventos, grupos de estudos e outros. Serão consideradas as etapas de análise elencadas por Laurence Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Enquanto o conhecimento situado, segundo Carla Giovana Cabral, é definido pelo entendimento feminista como: “[...] um conhecimento que é saber constituído nas

⁵ Demos ênfase aos grupos que surgiram de iniciativas de docentes e/ou discentes de RI, pela semelhança com o nosso grupo; porém entendemos que essa é uma pequena amostragem da quantidade de grupos que pesquisam gênero no país. De antemão, já pedimos desculpas por não conseguirmos abarcar todos, citamos os grupos que as MaRIas já tiveram trocas. Além do mais, na primeira seção deste trabalho, trataremos mais sobre os grupos de gênero no país.

⁶ Juntamente com o apoio das alunas de graduação e pós-graduação que participam do Projeto de Pesquisa “Teoria e Metodologia Feminista e Descolonial”, o qual Mariana Selister Gomes coordena (Gomes, 2021).

relações sociais e históricas, nas relações desiguais de poder em que estiveram implicadas as mulheres” (Cabral, 2006, p. 90).

Assim sendo, de acordo com Mariana Selister Gomes, Eduarda Quattrin Casarin e Giovana Duarte (2019), o local de fala e a realidade social do(a) pesquisador(a) são considerados como de extrema importância para a produção de conhecimento, “logo, ao mostrarmos nosso lugar, quer de onde estamos falando, quer de onde estamos escrevendo, possibilitamos a quem está lendo uma compreensão mais transparente do conhecimento elaborado” (Gomes; Casarin; Duarte, 2019). É justamente isso que pretendemos com esta pesquisa, demonstrar as contribuições do MaRIas IRI-USP para o debate de gênero, estando dentro do grupo, atuando como membras (e as autoras deste artigo, também como coordenadoras) e pesquisadoras.

Desta forma, a princípio, será realizado um panorama a respeito dos debates sobre gênero no país. Em seguida, será adentrado ao foco principal desta análise, o grupo MaRIas IRI-USP, primeiramente trazendo sua história e, por fim, mensurando, através de uma análise de conteúdo, o seu impacto para o debate de gênero. Isso será feito através de uma análise de conteúdo. Desta forma, para análise das ações e produções de algumas das ações do MaRIas IRI-USP, especialmente Grupos de Trabalho no evento Seminário MaRIas e os grupos de estudos, serão utilizados também dados internos do grupo. Esses dados consistem em formulários, postagens no nosso perfil no Instagram, publicações no nosso *site*, atas, informações do *mailing* e documentos que serão compreendidos como registros das atividades do grupo nos últimos cinco anos. É importante salientar que, pelo fato do nosso trabalho ser voluntário, conjunto e com certa rotatividade de membras, infelizmente algumas informações não foram encontradas.

1. Panorama inicial dos debates de gênero e dos grupos de pesquisa/estudo sobre gênero no Brasil

As discussões e o incentivo na construção de agendas de pesquisas focadas nas perspectivas e debates de gênero têm atraído olhares e cativado mais espaço dentro das Relações Internacionais. Izadora Monte (2010) destaca que, sobretudo nos últimos anos, os estudos de gênero trouxeram, com bastante fôlego, a importância de se examinar as RI através das lentes empregadoras do gênero como categoria de análise. De acordo com a perspectiva da autora, gênero é uma categoria relacional, que se conecta com pressupostos sociais responsáveis por construir as diferenças entre homens e mulheres. Em suas palavras: “não se trata apenas de uma forma de diferenciar os corpos em masculinos e femininos, é uma forma de dar sentido ao mundo e uma das formas primárias de atribuir significado ao poder na maior parte das sociedades humanas” (Monte, 2010, p. 8).

Monte (2010) ainda acrescenta que as mudanças e aberturas ontológicas e epistemológicas — e mais recentemente podemos observar a guinada e a necessidade por transformações metodológicas — vivenciadas pelas RI proporcionaram uma maior compreensão em termos de como o gênero está presente no nosso *campo* e como as questões sobre masculinidade e feminilidade, bem como tantas outras temáticas que os estudos de gênero e os feminismos tocam, são integrantes da teoria e da política (práxis) internacional. Assim sendo, existe uma curiosidade em assimilar de que forma e como potencializar a mudança daquilo que Fred Halliday (2007) nos fala sobre o distanciamento e silenciamento entre a esfera de gênero e as RI. Saindo da ideia de que existe um afastamento e passando a pensar que “já faz parte”. No âmbito brasileiro, cremos que uma série de condutas (inserção de textos nas disciplinas, lançamento de livros, criação de mesas e eventos focados em gênero etc) aproximaram os debates de gênero com as RI, mas em especial a atuação dos grupos de estudos/de pesquisa se destaca.

Especificamente, se tratando dos grupos de estudos/grupos de pesquisa, Maria Cavalcante e Madeline Maia (2019) salientam que estes geralmente são espaços de construção e, conseqüentemente, são relevantes no processo de formação dos indivíduos inseridos no âmbito acadêmico. Tais grupos são, majoritariamente, conhecidos por oferecerem momentos de trocas de ideias e informações e por fomentarem discussões que estão mais adiante do escopo que é tradicionalmente estabelecido nas salas de aulas das universidades. Em síntese, estes grupos são ambiente de formações construtivas, onde tanto professoras/es quanto alunas/os dialogam e constroem investigações científicas e demandas da sociedade. Por conseguinte, essas iniciativas favorecem a sustentação e o desenvolvimento do tripé universitário: Ensino, Pesquisa e Extensão.

No Brasil, segundo Lola Ferreira (2019), em matéria para a *Gênero e Número*, Associação de mídia independente que trata, sobretudo, dos aspectos de gênero, raça e sexualidade, até o ano que ela escreve, existiam 358 grupos em instituições de ensino que discutem gênero nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas e que receberam certificação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁷. Ainda em conformidade com o potente levantamento citado, é possível afirmar que, mesmo que sejam números expressivos, são poucas as instituições/universidades que possuem mais de 10 grupos com enfoque nas discussões de gênero⁸ (Ferreira, 2019). É importante também salientar que a base de dados do CNPq evidencia que, dentro do escopo desses grupos, 16 são responsáveis por discutir gênero e violência, 22 que discutem

⁷ Pensamos ser importante destacar que há uma quantidade maior de grupos, pois existem ainda os que atuam de maneira autônoma nas universidades (criados, sobretudo, pela necessidade de alunas que desejam debater sobre gênero) e que não estão institucionalizados por meio do CNPq.

⁸ Sendo elas: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Pará (UFP).

gênero e raça, 25 discutem gênero e trabalho e tantos outros ocupam as funções de discutirem a ligação do gênero com as políticas públicas, a religião, a família, as narrativas da mídia etc.

Em relação às perspectivas que especialistas têm acerca desses grupos, Ferreira (2019) traz os depoimentos de Marlise Matos, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Minas Gerais (NEPEM/UFMG), e de Lays Mazoti, doutora e professora em Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Matos considera que esses grupos atuam direta e indiretamente nos avanços passados pela sociedade em termos do entendimento do que são os estudos de gênero e as lutas e demandas levantadas por eles. Por sua vez, Mazoti afirma que o objetivo desses grupos é investigar, sob o prisma do gênero, como os temas mais relevantes estão sendo vividos e compreendidos pela sociedade e pela esfera acadêmica em geral e achar maneiras de incidir, produzir e debater sobre eles.

No caso das RI, o desenvolvimento e a consolidação de um debate qualitativo acerca dos avanços vivenciados pela nossa disciplina em relação aos desdobramentos do gênero na esfera internacional podem ser enxergados de algumas frentes, uma delas é o avanço, as atividades, os entraves e as necessidades apontadas a partir e pelos grupos de estudos e grupos de pesquisa. Em vista disso, o MaRIas IRI-USP, mas não somente ele, por intermédio da sua existência e do panorama de atuação e ativismo despontam como um exemplo a ser explorado. Para além das relações de poder, das análises das perspectivas mais conhecidas dentro da conexão existente entre *Feminismo, Gênero e Relações Internacionais*, o grupo atua nas transformações experimentadas, definições e impulsionamentos nos eixos que guiam os Estudos de Gênero e Relações Internacionais. Um grande exemplo dessa ação foi o apoio e demanda pela criação da Área Temática (AT) sobre “Feminismo, Gênero e Sexualidade”, dentro da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI), proposta endossada essencialmente pelo o grupo MulheRIs e pela Rede de Gênero e Sexualidade em Relações Internacionais. Tal feito configura não somente uma demanda teórica, mas também as disputas sociais e políticas associadas aos movimentos sociais e de luta desta área (Nascimento, 2021).

2. História do grupo MaRIas IRI-USP

No início de 2017, pós-graduandas do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP) que sentiam a necessidade de debater sobre gênero e RI — porém não encontravam matérias ou professoras(es) que tratassem a respeito da temática no Instituto — decidiram criar o grupo MaRIas⁹. Logo, em maio do mesmo ano, o

⁹ Foi feita essa escolha de nome para o grupo pois é o nome mais comum no país, através dele pretende-se representar todas as mulheres. Além disso, foi feita a escolha da grafia com o RI maiúsculos no meio do nome para sinalizar o curso de Relações Internacionais.

grupo iniciou suas atividades. A criação do grupo foi, a princípio, para suprir as ausências que as pesquisadoras interessadas em gênero sentiam no IRI, mas, além disso, logo desde a primeira reunião, o grupo já se constituiu como um espaço de troca de experiências, de acolhida e de escuta coletiva entre as mulheres pesquisadoras. Desde a primeira reunião, as participantes já começaram a trocar sobre as insatisfações e desigualdades que sofriam, principalmente, dentro da academia. Logo, desde a sua fundação, o acolhimento está presente como um dos pilares do grupo.

No período de 2017 até o início de 2020, os esforços das integrantes¹⁰ concentraram-se na promoção de grupos de estudos mensais, com o intuito de ler e debater textos sobre gênero, já que a maioria delas, na época, não estudavam essa temática em suas pesquisas principais. No geral, as bibliografias dos encontros eram de autoras do Norte Global, pois eram as referências mais consolidadas na disciplina (mas, com o passar dos anos, o grupo mudou sua abordagem e agora estuda, majoritariamente, autoras do Sul Global). Esses encontros aconteciam em alguma sala ou na biblioteca do IRI e, apesar da divulgação, só compareciam mulheres do próprio instituto (MaRIas, 2024a).

O ano de 2020 foi um ponto de virada para o MaRIas; por isso a escolha de fazer a análise quantitativa a partir desta data. Desde o início deste ano, “[...] as integrantes buscaram pensar uma organização mais ambiciosa para as atividades do MaRIas IRI-USP, com objetivos mais concretos e a produção de materiais” (MaRIas, 2024a), entretanto, o planejamento de atividades precisou sofrer modificações frente à eclosão da pandemia que afligiu o mundo todo e acabou, também, demandando uma nova organização do grupo, o qual passou de presencial para *online* (MaRIas, 2024a). A mudança para o virtual, apesar de inesperada, acabou, por outro lado, por promover uma expansão dos encontros mensais do grupo de estudos, pois esses passaram a contar com pessoas de outras cidades e instituições, as quais, provavelmente, não teriam a disponibilidade de ir até o IRI para participar das reuniões. Mesmo com o retorno às atividades presenciais, o grupo optou por manter suas reuniões *online*, pois considerou como benéfica essa troca com pessoas de diversas regiões e universidades que o virtual permite (MaRIas, 2024a).

Foi também no ano de 2020 que a ideia de organizar um seminário saiu do papel, superando as expectativas das integrantes. Desta forma, “o evento também produziu muitos frutos no que diz respeito à articulação das MaRIas com outros grupos de gênero pelo Brasil, consolidando uma rede de gênero, sexualidade e RI” (MaRIas, 2024a). Logo em sua primeira edição, o Seminário MaRIas já contou com 165 inscrições para ouvintes e 28 apresentações de trabalhos da graduação e 34 da pós-graduação, totalizando 62

¹⁰ Sempre será escrito no feminino, pois nunca houve homens como integrantes ativos do grupo, apenas em participações esporádicas em palestras, grupos de estudos, minicursos e apresentações de trabalho.

apresentações. O evento continuou a ocorrer durante todos os anos subsequentes, os números só foram crescendo e a rede de gênero se consolidando cada vez mais. Esse ano (2024), foi realizada sua quinta edição, em setembro, de maneira híbrida (MaRIas, 2024c).

Foi após a primeira edição do Seminário MaRIas que outra decisão que mudaria os rumos do grupo foi definida: seria aberto um processo seletivo que permitiria o ingresso de pessoas da graduação (até então, o grupo era composto por somente alunas da pós-graduação), de fora do IRI e, por consequência, fora do eixo sudeste. Isso se deu devido ao grande número de participantes da graduação no Seminário e da percepção dos benefícios que a diversidade cultural do *online* permite¹¹. Após esse processo seletivo, responsável por permitir a expansão do grupo, as integrantes decidiram que, ao início de cada reunião, seria feita uma dinâmica “quebra-gelo”. A qual se baseia na máxima “o pessoal é político”, utilizada pelos movimentos da Segunda Onda do Feminismo e entende que, com a sociabilização dos pensamentos, das vivências e dos problemas enfrentados naquela semana, naquele mês, naquele ano (a pergunta “quebra-gelo” muda conforme a reunião), é possível adquirir consciência coletiva para, então superá-los (Hanisch, 1970). É muito comum, por exemplo, quando uma MaRIas está expondo uma situação, outras automaticamente se identificam e, assim, além de tomarmos consciência que não estamos sozinhas, também podemos pensar juntas em maneiras de lidar com a questão. A iniciativa de 2021 perdura até os dias atuais e, enquanto o MaRIas existir, seguirá com o compromisso de, além de um grupo acadêmico, ser também esse espaço de acolhimento.

Além dos grupos de estudos (que ocorrem desde a fundação do grupo) e dos Seminários (que ocorrem há cinco anos consecutivos), o MaRIas, ao longo dos anos, também se preocupou com publicações na temática de gênero. Em 2021 e 2022, o grupo, juntamente com o Laboratório de Análises Internacionais Bertha Lutz (LAI-USP), realizou um mapeamento sobre as políticas do Governo do Estado de São Paulo relacionadas à temática de gênero¹², o qual culminou em um *e-book*, cujo lançamento foi em março de 2023, no IRI-USP (MaRIas, 2024b). Também em 2023, deu-se início a um projeto novo no grupo: a publicação de ensaios com as mesmas temáticas dos grupos de estudos daquele ano. As responsáveis por ministrar o grupo de estudos escreveram, posteriormente, um ensaio curto (de até cinco páginas) e fizeram rodadas de leituras e *feedbacks* dos ensaios uma das outras. A troca foi muito rica, pois, com os comentários das outras autoras, os

¹¹ Essas informações, bem como outras citadas ao longo do trabalho, são oriundas de relatos internos de antigas e vigentes membras do grupo, por isso, em alguns parágrafos, ao fim, não terá referência.

¹² “A pesquisa foi realizada por 13 pesquisadoras da graduação e da pós-graduação não só do IRI-USP mas também de outras instituições de ensino superior do Brasil, buscando compreender como as políticas públicas paulistas cumprem com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 5, referente à Igualdade de Gênero, definido pela ONU em 2015, para cumprimento até 2030. Foram mapeadas 11 secretarias estaduais que integram o Comitê Intersecretarial de Defesa da Mulher, indicadas pela então Coordenação de Políticas para a Mulher” (MaRIas, 2024b).

ensaios puderam ser aperfeiçoados. Em abril de 2024, eles foram publicados no nosso *site* e divulgados através de nosso Instagram (MaRIas, 2024e). Atualmente (outubro de 2024), as Coordenadoras Acadêmicas, Ana Luiza Rocha Gomide e Ana Livia Ayres Cardoso, deram início ao planejamento dos ensaios dos grupos de estudos que ocorreram ao longo deste ano, o qual será lançado no primeiro semestre de 2025, também no nosso *site*.

Nos anos de 2020 e 2021, também foram feitas publicações no *site* do MaRIas, dentre elas: entrevistas (*A Médica Sem Fronteiras: uma entrevista com Renata Pretti; Backlash conservador, política externa e direitos das mulheres; Violência, Gênero e Desenvolvimento e Conflito, Poder e Soberania: Política Internacional é um mundo masculino?*), artigos (*Os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o trabalho das professoras pesquisadoras de Relações Internacionais e Por que a pandemia afasta mulheres da ciência?*), um mini-artigo (*The desire to change everything: La potencia feminista and the Tribune of the World Conference of the International Women's Year*) e uma carta de repúdio (*Invasão de encontro virtual do MaRIas*). Nesse ano de 2024, houve uma reestruturação do grupo e um de seus objetivos era voltar com as publicações no *site*. Assim fizemos e publicamos uma pequena análise sobre gênero na série *Suits*, intitulada *A Presença Feminina em Suits: Muito mais que "Homens De Terno"*, escrita por Danielle Gonçalves Passos do Nascimento, atual Coordenadora Geral do MaRIas IRI-USP (MaRIas, 2024f).

O ano de 2024 foi de muito orgulho para as membras do grupo, pois desenvolvemos diversas iniciativas inéditas. Em maio, em comemoração ao sétimo aniversário do grupo, a parceria com o Dicotomia Podcast, iniciativa de RI da Universidade Federal de Sergipe (UFS), rendeu o episódio *RI, gênero e você: O que isso tem a ver? (com MaRIas - IRI/USP)*. Outra iniciativa inédita consiste em levar dois trabalhos em coletivo para o 7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da ABRI. Além do presente trabalho, que é focado em analisar os impactos do próprio grupo para o campo de estudos de gênero, desenvolvemos também uma iniciação científica, apresentada em formato de pôster, intitulada *Redefinindo a Agenda: uma análise de gênero nos anais dos Encontros da ABRI de 2017 a 2023*, cuja autoria pertence à Nataniele Paim Schmutz (Coordenadora de Comunicação) e Geovana Vieira de Queiroz (Assessora de Comunicação), ambas discentes da graduação na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). O intuito da pesquisa mencionada é — através de um mapeamento da temática de gênero nos anais dos Encontros Nacionais da ABRI dos anos de 2017, 2019, 2021 e 2023 — entender os impactos da criação do eixo temático para a produção científica da área¹³.

¹³ Somado a essas duas iniciativas coletivas do grupo, mais duas membras (Ana Livia Ayres Cardoso e Ríllari Ferreira Castro e Silva) desenvolveram um artigo intitulado *A Política Externa Soviética na Instrumentalização da Identidade da Mulher na Década de 1960 à Luz da Política dos Afetos*, que derivou de pesquisas que as pós-graduandas desenvolveram, a princípio, para um grupo de estudos do grupo MaRIas e, posteriormente, ampliou-se para o artigo enviado para o Seminário da ABRI de 2024.

Além disso, em junho, levamos dois minicursos para o Congresso de Pesquisa em Relações Internacionais (COPRI), um evento desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGRI-UFU), intitulados *MaRIas IRI-USP Apresenta: articulações metodológicas, conceituais e teóricas em pesquisas feministas e de gênero nas Relações Internacionais* (de Danielle Nascimento e Enndiel Mendes) e *MaRIas IRI-USP Apresenta: uma interpretação de cultura e gênero à luz da política das emoções* (de Ana Livia Cardoso e Ana Luiza Gomide); ambos ocorreram de forma presencial¹⁴. Neste mesmo mês, Ana Caroline Tavares apresentou uma palestra cujo tema foi *Feminismo e Relações Internacionais* para a Pós-graduação em Política e Relações Internacionais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), também de forma presencial. Ainda em junho de 2024, Geovana Queiroz ministrou a palestra (essa de maneira virtual) *Além das Fronteiras: a história global do Movimento Queer*, no evento Orgulho e Desconceito — um projeto social com fins de contribuir financeiramente com organizações que acolhem pessoas LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade.

No mês seguinte, em julho, as MaRIas IRI-USP e as MARIAS UNB firmaram uma parceria, sendo assim, Ana Luiza Gomide e Ríllari Ferreira ministraram o *Workshop Introdução à Escrita Acadêmica* para as membras do grupo de Brasília, de maneira virtual. Em setembro, todos nossos esforços voltaram-se para a realização do V Seminário MaRIas, o qual será detalhado na próxima seção; assim como os grupos de estudos e o *mailing*.

3. A atuação do MaRIas IRI-USP em temas e números

Tratando da atuação do grupo e projetos que se pretendem analisar, temos os Seminários MaRIas, Grupos de Estudos e o *mailing*. Como já explicitado, será realizado um levantamento dos dados sobre cada uma dessas produções do grupo de estudo. Para tal, será utilizada a análise de conteúdo e, nesta etapa, encontramos a exploração dos materiais, categorização e interpretação dos dados obtidos, conforme proposto por Bardin (1977). Ademais, os dados analisados foram obtidos em documentos internos do grupo.

3.1. Seminários MaRIas

O I Seminário MaRIas ocorreu em 2020 com a temática *Pensando Gênero nas Relações Internacionais*. Logo no primeiro evento, o grupo contou com 7 Grupos de

¹⁴ Neste mesmo evento, a Assessora de Projetos Ríllari Ferreira também ministrou um minicurso intitulado *Saindo do Armário Ontológico: O Movimento LGBTQIA+ a partir da Identidade Árabe Queer durante a Copa do Mundo no Qatar*, assim como também apresentou o trabalho *Além da Farda: Explorando a Diversidade e Inclusão LGBTQ+ nas Forças Armadas do Brasil*, ambos de forma online. Danielle Nascimento e Enndiel Mendes, além do minicurso, também apresentaram presencialmente o trabalho *Uma América Latina e Caribenha para Mulheres? Considerações Decoloniais sobre as Discussões e os Assuntos de Gênero na CEPAL*.

Trabalho (GTs) de graduação, totalizando 28 trabalhos. Já para pós-graduação foram 10 GTs e 34 trabalhos. Além disso, foram 165 inscrições para ouvintes.

No ano seguinte, 2021, o II Seminário MaRIas abordou a temática *Movimentando Gênero nas Relações Internacionais*. Neste ano, foram organizados 9 GTs de graduação, totalizando 38 trabalhos. Os GTs de pós-graduação também foram 6, com o total de 30 trabalhos. O Seminário de 2021 não conta com dados sobre inscrições de ouvintes.

Já em 2022, ocorreu o III Seminário MaRIas com o tema Gênero na América Latina: Contribuições da Academia às Políticas Públicas. Essa edição contou com 4 GTs de graduação (com o total de 13 trabalhos) e também 4 GTs de pós-graduação (totalizando 16 trabalhos). Foram ofertados 6 minicursos com 20 inscrições. Os objetos dos minicursos foram: a) Das micro as macro violências de gênero: o que está por trás do feminicídio? b) Estudos de Gênero e Educação: do debate à prática; c) Quais histórias merecem ser preservadas? Uma reflexão crítica sobre gênero, raça e classe em pesquisa de arquivo; d) Refúgio e Gênero no Sul Global; e) Resignificando a segurança, a paz e a guerra: exercitando uma curiosidade feminista decolonial; f) Um olhar de gênero na análise de cidades latino-americanas: o direito das mulheres à cidade. Como ouvintes para o evento foram 68 inscritos.

A quarta edição do Seminário, em 2023, teve como tema *Gênero nas Relações Internacionais: As resistências constroem alternativas*. Contou com 4 GTs de graduação, totalizando 16 trabalhos e 7 GTs de pós-graduação, com 26 trabalhos. Além disso, o evento contou com 4 minicursos que totalizaram 24 participantes. Os objetos dos minicursos foram: a) *Por cidades feministas na América Latina: contexto e desafios*; b) *Pesquisas feministas e de gênero: articulando Metodologias, conceitos e teorias*; c) *Gender Mainstreaming e Transversalidade de Gênero como práticas de transformação política*; d) *Cultura e gênero: uma interpretação à luz da política das emoções*. Para ouvintes das mesas de abertura e encerramento, foram 37 inscritos.

O último e mais recente Seminário ocorreu em 2024 com a temática *O Gênero nas Relações Internacionais: as resistências constroem alternativas*. Foram 6 GTs de graduação com o total de 20 trabalhos e 7 GTs de pós-graduação, com 26 trabalhos apresentados. Foram ofertados 5 minicursos com 13 participantes, além do *Workshop Conciliando Carreiras: Gestão de Tempo e Organização de Estudos*, ministrado pela internacionalista e atriz Fernanda Concon, com 40 inscrições para o evento presencial. Os objetos dos minicursos foram: a) *Saindo do armário ontológico: o movimento LGBTQIA+ nas Relações Internacionais*; b) *“Onde estão as mulheres nas séries de TV?” Uma análise do audiovisual*; c) *Participação feminina em negociações de paz: Análise de casos*; d) *Currículo Lattes para Mulheres*; e) *Repensando Políticas Externas Feministas a partir do Sul Global*. O evento teve 110 inscrições para ouvinte das mesas de abertura e encerramento.

Quadro 1: Resumo de dados sobre os Seminários MaRIas

	Seminário I (2020)	Seminário II (2021)	Seminário III (2022)	Seminário IV (2023)	Seminário V (2024)
Ouvintes	165				
GTs Graduação	7	9	4	4	6
Trabalhos Graduação	28	38	13	16	20
GTs Pós-Graduação	10	6	4	7	7
Trabalhos Pós-Graduação	34	30	16	26	26
Minicursos	-	-	6	4	5
Inscrições Minicursos	-	-	20	24	13
Workshops	-	-	-	-	1
Inscrições Workshops	-	-	-	-	40

Fonte: Elaboração própria (Cardoso; Gomide; Nascimento, 2024).

Para analisar o conteúdo das pesquisas apresentadas durante os Seminários MaRIas, foram selecionadas as seguintes palavras-chave: “Gênero”; “Violência”, “Mulher(es)”; “Feminismo(s)”; “Queer”; “Segurança”; “Teoria Feminista”, “Trabalho”; “Política”; “ONU”; “OEA”; “Religião”; “Reprodução”; “Direitos Humanos”; “Migração”; “Representação”; “América Latina”; “Movimentos Sociais”; “Militar(es)”; “Políticas Públicas”; “LGBTQIAP+”; “Raça” e “Política Externa”. A escolha dos termos se deu com base nas áreas de trabalho promovidas pelo grupo, bem como da perspectiva de ser um grupo do Sul Global. Esses termos foram utilizados como filtros para compreender a frequência que esses temas foram trabalhados nas pesquisas apresentadas nos eventos do grupo. Desta forma, foram obtidos os resultados conforme apresentados nos quadros a seguir.

Temáticas das pesquisas apresentadas no Seminários MaRIas (2020 - 2024)

Palavra-chave	Número de menções	Palavra-chave	Número de menções
Gênero	70	Reprodução	2
Violência	20	Direitos Humanos	11
Mulher(es)	82	Migração	5
Feminismo(s)	17	Representação	5

Queer	3	América Latina	12
Segurança	7	Movimentos Sociais	1
Teoria(s) Feminista(s)	2	Militar(es)	4
Trabalho	4	Políticas Públicas	11
Política	50	LGBTQIAP+	1
ONU	5	Raça	2
OEA	1	Política Externa	8
Religião	2		

Fonte: Elaboração própria (Cardoso; Gomide; Nascimento, 2024).

Com esses dados é possível compreender que as discussões do grupo giram em torno de temas mais gerais da área de gênero, visto que as palavras que se repetem com maior frequência são: Mulher(es) (82), Gênero (70) e Política (50). Apesar do caráter generalista, abrindo portas e possibilidades para que pesquisadores em gênero tenham espaço específico para apresentar seus trabalhos relacionados a gênero na política internacional, temas específicos mais frequentes são: Violência (20), Feminismo(s) (17), América Latina (12), Direitos Humanos (11) e Políticas Públicas (11). Por outro lado, esses dados também revelam o foco das pesquisas em mulheres, de modo que os termos Queer (3) e LGBTQIAP+ (1) aparecem menos vezes, revelando a necessidade do desenvolvimento de pesquisas em gênero que investiguem também essas temáticas.

3.2. Grupos de Estudos

Retomando outras atividades do MaRIas-USP, desde 2020 são desenvolvidos os encontros virtuais ou grupos de estudos, nos quais são debatidos temas relacionados a gênero nas Relações Internacionais com base em bibliografia recomendada. Esses encontros ocorrem de forma *online* e são abertos a todas as pessoas que desejarem participar. O ano de 2020 contou com 4 grupos de estudos com as seguintes temáticas: *A invisibilidade do debate de raça e gênero nas RIs*; *Por que a pandemia afasta mulheres da ciência?*; *Pode o subalterno falar?*; e *Feminismo comunitário e as epistemologias do Sul Global* (MaRIas, 2020a; MaRIas, 2020b; MaRIas, 2020c; MaRIas, 2020d). Infelizmente, devido a trocas de gestão, os dados sobre os primeiros grupos de estudos não estão disponíveis para análise.

Em 2021, o número de grupos de estudos quase dobrou, indo de 4 para 7 no ano. O temas foram: *Lélia Gonzalez: Feminismo afro-latino-americano*, com 64 ouvintes inscritos; *María Lugones: Colonialidade e gênero*, com 63 ouvintes; *Oyèrónké Oyèwùmí: desafios das*

epistemologias africanas, com 21 ouvintes; *Lila Abu-Lughod: Feminismo islâmico e etnografia feminista*; *François Vergés: feminismo decolonial*, com 37 ouvintes; *Rita Segato: gênero, decolonialidade e antropologia*, com 50 ouvintes; e *Albertina de Oliveira Costa: estudos da mulher no Brasil*, com 4 ouvintes (MaRIas, 2021a; MaRIas, 2021b). Em 2022, os grupos continuaram a acontecer, dessa vez com novas temáticas, aprofundando as discussões sobre gênero em 4 encontros. Ocorreram os seguintes grupos: *Desenvolvimento e gênero*, que contou com 18 ouvintes; *Direito à Cidade*, com 29 ouvintes; *Combate à violência de gênero*, com 11 ouvintes; e *Direitos Humanos*, com 21 ouvintes (MaRIas, 2024e). Tais temáticas demonstram um interesse do grupo em popularizar esses debates, passando por diferentes perspectivas sobre gênero, Relações Internacionais e áreas relacionadas.

No ano de 2023 o grupo realizou 8 encontros. *Teoria das RI e Gênero*, com 31 ouvintes; *Economia Feminista*, com 18 ouvintes inscritos; *Democracia, Estado e Gênero*, com 27 inscritos; *Saúde Mental e Gênero*, cujos dados de inscritos sobre o encontro não estão disponíveis; *A subjetividade dos corpos das relações internacionais*, que não possui dados disponíveis sobre ouvintes; *Tráfico internacional de mulheres no Brasil*, com 32 ouvintes; *Um olhar decolonial: raça, gênero e colonialidade*, com 21 inscritos como ouvintes; e *O protagonismo da mulher, a responsabilidade das empresas e os direitos humanos*, que não possui dados sobre ouvintes (MaRIas, 2023a; MaRIas, 2023b; MaRIas, 2023c; MaRIas, 2023d; MaRIas, 2023e; MaRIas, 2023f; MaRIas, 2023g; MaRIas, 2023h). O ano de 2023 marca uma grande diversidade de temáticas, as quais ressoavam os temas de pesquisa individuais das integrantes do grupo.

Em 2024, até o mês de outubro foram realizados 5 grupos de estudo. Os grupos tiveram como temáticas: *Amefricanizando as RI: Comentários sobre gênero, raça e classe em Lélia Gonzales*, que contou com a inscrição de 32 ouvintes. *Os desafios da mulher 50+ no mercado de trabalho*, com 20 para ouvintes. *Primeira turma de mulheres na AMAN*, com 10 inscrições para ouvintes. *Identidade e gênero na URSS*, que contou com 20 inscrições para ouvintes. E *Além das Fronteiras: Explorando a História Global do Movimento Queer*, com 20 ouvintes inscritos (MaRIas, 2024g; MaRIas, 2024h; MaRIas, 2024i; MaRIas, 2024j; MaRIas, 2024k). Os objetos de estudo do grupo no último ano demonstram a ampliação de temáticas de interesse do grupo, assim como o incentivo à interseccionalidade e ao vínculo das pesquisas de gênero com outras temáticas das Relações Internacionais. No total, na história do grupo, foram realizados 28 encontros com 549 inscrições contabilizadas para ouvintes no total.

Analisando dados sobre as discussões dos grupos de estudos com as palavras-chave supracitadas, obtêm-se os resultados apresentados na tabela a seguir.

Temáticas dos grupos de estudos MaRIas (2020 - 2024)

Palavra-chave	Número de menções	Palavra-chave	Número de menções
Gênero	12	Reprodução	0
Violência	1	Direitos Humanos	2
Mulher(es)	6	Migração	1
Feminismo(s)	4	Representação	0
Queer	1	América Latina	0
Segurança	0	Movimentos Sociais	0
Teoria(s) Feminista(s)	0	Militar(es)	0
Trabalho	1	Políticas Públicas	0
Política	0	LGBTQIAP+	0
ONU	0	Raça	4
OEA	0	Política Externa	0
Religião	0		

Fonte: Elaboração própria (Cardoso; Gomide; Nascimento, 2024).

O número de temas abordados parece se reduzir quando falamos dos grupos de estudos, o que não é uma verdade. O que ocorre é uma maior especificidade nos temas, os quais não estão organizados em subcategorias dentro dos estudos de gênero, dificultando um mapeamento mais preciso sobre as principais temáticas. Apesar disso, observando os títulos dos encontros, podemos perceber que diversos temas das palavras-chave são contemplados pelo grupo, mas sem citar, propriamente, esses termos. É possível observar ainda, as variações nas participações de ouvintes nos grupos de estudos, de modo que seu ápice ocorre com 63 pessoas. Apesar disso, o grupo mantém sempre uma quantidade de participantes internos e externos por encontro, demonstrando que há um interesse nos estudos de gênero.

3.3. Mailing

Ainda, outro produto do grupo é o *mailing*, que consiste em uma lista de transmissão de *e-mails*, em que os interessados se inscrevem para receber conteúdos MaRIas. Em três anos de *mailing* (sendo o primeiro lançado em abril de 2021), 284 pessoas se inscreveram para receber quinzenalmente notícias que estão relacionadas à temática de gênero nas RI. Além disso, o *mailing* também conta com divulgação de oportunidades acadêmicas (nas

quais são publicados eventos, palestras, oportunidades para publicação etc), além de dicas culturais. O *mailing* possui 61% de taxa de abertura dos *e-mails* enviados.

Considerações finais

Condizente com o que foi exposto no decorrer do presente artigo, é possível declarar que o gênero — categoria de análise, estudos, temáticas, corpo teórico, produções etc — está presente nas Relações Internacionais e nos chamados assuntos internacionais. As abordagens e os estudos de gênero trouxeram, para o bojo do internacional, problemáticas, questões e novas nuances em termos de como analisar os mais diversos conteúdos das RI. Nesse sentido, acreditamos que os grupos de estudos despontaram e representam uma força em termos da promoção e disseminação dos debates de gênero nos âmbitos teórico e prático. Destarte, o MaRIas IRI-USP atuou (e segue atuando) fortemente na promoção e construção de uma agenda de pesquisa, de iniciativas e difusão desses ideais.

É válido ressaltar que a análise do impacto do MaRIas realizada aqui não é em absoluto uma forma de se esgotar as possibilidades em termos do que ainda pode ser feito. Tampouco de que apenas nós executamos iniciativas focadas em gênero dentro das RI; mas sim de que atuamos nas esferas da coletividade, da disseminação e elaboração de conhecimentos democráticos e de qualidade, da ligação teoria e prática e da construção de espaços mais plurais em termos de estudo e pesquisa. Juntamente e inspiradas por diversos outros grupos, textos, aulas, eventos, palestras, iniciativas — inclusive mencionadas ao longo deste trabalho — acreditamos que, nesses 7 anos de existência, estamos e estaremos colaborando para os avanços da temática de gênero na disciplina. As 20 MaRIas, que atualmente compõem o grupo, plantam frutos, voluntariamente, para dar continuidade e cada vez mais aportes para um projeto, um grupo, que nasceu em uma “sala” no IRI-USP, mas que hoje se expandiu ao Brasil inteiro e a tantas outras universidades.

Isto posto, o MaRIas IRI-USP mantém o projeto de grupo de estudos vivo e com planos de manutenção para os próximos semestres, com o objetivo de democratizar o acesso e as discussões sobre gênero nas Relações Internacionais e fomentar a pesquisa entre os integrantes. Assim como pretende manter o *mailing* para os anos seguintes, com a intenção de aumentar a sua lista de pessoas inscritas e sua taxa de abertura. Cada ano que passa, o Seminário MaRIas, carro-chefe do grupo, que já contou com cinco edições, se reinventa e se atualiza em termos das necessidades, do que avançamos e dos desafios futuros sobre trabalhar com a perspectiva de gênero. Ano que vem (2025), estará na sexta edição. A promoção de eventos, conexão com outras importantes temáticas, recomendação de bibliográficas, filmes, séries, matérias etc seguem com gás através do Instagram e do *site*. Do mesmo modo, as parcerias com outros grupos e participação em eventos e iniciativas são elementos que procuraremos incentivar mais e mais.

Referências

- ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 1ª ed., 2019. p. 335-355.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CABRAL, Carla Giovana. Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 27, p. 63-97, dez. 2006.
- CAVALCANTE, Maria; MAIA, Madeline. A Importância dos Grupos de Estudos e de Pesquisas para a Formação Docente dos Estudantes de Pedagogia. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019, Fortaleza. **Anais [...]**. Campina Grande: UFPB, 2019.
- FERREIRA, Lola. No Brasil, pesquisas sobre gênero ganham força nos últimos 10 anos, mas professores já falam sobre “caça às bruxas”. **Gênero e Número**, Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 2019.
- GOMES, Mariana Selister; CASARIN, Eduarda Quatrin; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um estudo bibliométrico. **Revista CS**, [S.L.], n. 29, p. 47-72, 9 set. 2019.
- GOMES, Mariana Selister. Uma Metodologia de Pesquisa Feminista é possível? Um levantamento bibliométrico das metodologias utilizadas em periódicos dos Estudos de Gênero. In: XX Congresso Brasileiro de Sociologia, 2021, Belém-PA. **Anais de Comissão de Pesquisa (CP) - CP15 - Gênero e sexualidade**. Belém: UFPA, 2021
- HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. 312 p.
- HANISCH, C. The Personal is Political. **Notes from the Second Year: Women's Liberation**, 1970.
- LOPES, Maria Margaret; PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as "margens". **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 12, p. 115-121, dez. 2004.
- MARIAS. MaRIas IRI USP, 2020a. **A invisibilidade do debate de raça e gênero nas RIs**. 27 jul. 2020. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em https://www.instagram.com/p/CDKQfbesY_h/?igsh=bmlzM3BjeHBzchUw. Acesso em: 24 set. 2024.
- MARIAS. MaRIas IRI USP, 2020b. **Por que a pandemia afasta mulheres da ciência?**. 25 ago. 2020. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CET-PrfpygT/?igsh=dWtjMmxsdmQ3cmsy>. Acesso em: 24 set. 2024.
- MARIAS. MaRIas IRI USP, 2020c. **Pode o subalterno falar?**. 19 out. 2020. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGh7tzeJlDJ/?igsh=OXNpZzA4enFrbnQ=>. Acesso em: 24 set. 2024.
- MARIAS. MaRIas IRI USP, 2020d. **Feminismo comunitário e as epistemologias do sul global**. 03 dez. 2020. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em

<https://www.instagram.com/p/CIWesR1JKxa/?igsh=NzdiN2dtM3lmeWRp>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2021a. **Encontros mensais grupo de estudos “Pesquisadoras do Sul Global”**. 11 mar. 2021. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CMS4GioJgE7/?igsh=MXI3bGZjZjQ2YzlxZg==>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2021b. **Encontros mensais grupo de estudos “Pesquisadoras do Sul Global”**. 10 ago. 2021. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CSZuihpHGOT/?igsh=MXBiM3BrdjZobTd5bQ==>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023a. **Teoria das RI e Gênero**. 1 mar. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CpQqsSXvDDv/?igsh=MXhzd3lkdmZsdmlvdA⇒>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023b. **Economia Feminista**. 6 abr. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CqtBDW5OskO/?igsh=NTI4eTE3YTZxcjRz>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023c. **Democracia, Estado e Gênero**. 4 mai. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/Cr1j1pVvU7e/?igsh=NWt6NzRqZDZla2di>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023d. **Saúde mental e gênero**. 7 jun. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CtMw2FWvraJ/?igsh=cmp4bzJzem42OXJx>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023e. **A subjetividade dos corpos nas relações internacionais**. 20 jul. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em https://www.instagram.com/p/Cu7SkzXr_qm/?igsh=MXVoajhycmVmMXg4Mw==. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023f. **Tráfico internacional de mulheres no Brasil**. 11 ago. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/Cvz4GEFLL0f/?igsh=YjU2Y3J5cDZ6eHdz>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023g. **Um olhar decolonial: raça, gênero e colonialidade**. 04 set. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CwyYkKvPYiG/?igsh=b2JINGkzM2tmMGtm>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2023h. **O protagonismo da mulher, a responsabilidade das empresas e os direitos humanos**. 31 out. 2023. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CzE-wGYv19N/?igsh=NnAyZDR5N3I1emg0>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. **MaRIas**, 2024a. Sobre. Disponível em: <https://www.mariasiriusp.com.br/sobre-marias-iri-usp>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. **MaRIas**, 2024b. Início. Disponível em: <<https://www.mariasiriusp.com.br/>>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. **MaRIas**, 2024c. Seminário. Disponível em: <https://www.mariasiriusp.com.br/iv-seminariomaria>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. **MaRIas**, 2024d. Eventos. Disponível em: <https://www.mariasiriusp.com.br/eventos>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. **MaRIas**, 2024e. Atuação. Disponível em: <https://www.mariasiriusp.com.br/atua%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. **MaRIas**, 2024f. Publicações. Disponível em: <https://www.mariasiriusp.com.br/artigos>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2024g. **Amefricanizando as RI: comentários sobre gênero, raça e classe em Lélia Gonzalez**. 08 abr. 2024. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C5hEFx5P9zm/?igsh=NzYxZXMzNW9oejQw>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2024h. **Os desafios das mulheres 50+ no mercado de trabalho**. 15 mai. 2024. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C7AWnEmP1hl/?igsh=cTJucmk3NWhqZWHi>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2024i. **A primeira turma de mulheres na AMAN!**. 5 jun. 2024. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em https://www.instagram.com/p/C71wbteu_PQ/?igsh=MWEwZWo1dnYxNXE2Yw==. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2024j. **Política Externa Soviética: A imagem da mulher nos anos 1960**. 16 jul. 2024. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C9gHXfjvlq0/?igsh=bmdpZ2dueGZmcDAw>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARIAS. MaRIas IRI USP, 2024k. **Além das fronteiras: explorando a história global do movimento queer**. 17 ago. 2024. Instagram: @mariasiriusp. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C-yQyqTvoAy/?igsh=eHJpM3g1NWE1N3g1>. Acesso em: 24 set. 2024.

MONTE, Izadora Xavier do. **Gênero e Relações Internacionais: Uma crítica ao discurso tradicional de segurança**. [Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais]. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, 2010, 146f.

NASCIMENTO, Danielle Gonçalves Passos do. **Mas, afinal, os conceitos importam? O conceito político-cultural amefricanidade de Lélia Gonzalez e as Teorias das Relações Internacionais**. 2021. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal de Sergipe, 2021.

PINTO, Vânia. **Métodos de pesquisa em Relações Internacionais**. São Paulo: Contexto, 2024.